

FOLGADO, Vicente López. *Trasvases: Ensayos de Traducción y Literatura*. Sevilla: Ediciones Alfar, 2014. 572 p.

Davi S. Gonçalves
Universidade Federal de Santa Catarina

Letícia M. V. S. Goellner
Universidade Federal de Santa Catarina

No final do século XX, a renovação filológica das línguas modernas na Espanha trouxe diversas consequências para o cenário linguístico do país: desde a transição de considerações mais ou menos interpretativas até a aplicação sistemática de modelos de análises baseados na estrutura linguística e na formação textual, como bem apresenta José Luis Martínez-Dueñas, no prólogo do livro de Vicente López Folgado – *Trasvases: Ensayos de Traducción y Literatura*. É justamente inserido neste escopo que os estudos trazidos por Vicente Folgado se encontram. Martínez-Dueñas (p. 13) destaca o caráter interdisciplinar e intertextual da ideia de tradução nesta obra já que tais estudos parecem aproximar a noção de escritura com as noções de comunicação, conhecimento, expressão, representação e mobilidade de emoções e sensibilidades através de distintas épocas, estilos e línguas.

Vicente López Folgado estudou filologia inglesa e alemã na Universidad de Salamanca, é doutor pela Universidad Complutense de Madrid e professor na Universidad de Córdoba (Espanha) desde 1992 e docente na área de tradução e interpretação desde 2005.



Traduziu varias obras clássicas do inglês para o espanhol.

Na obra *Trasvases: Ensayos de Traducción y Literatura* o autor reúne seus ensaios em 27 capítulos, onde um amplo quadro de literaturas ocidentais é comentado brevemente. São textos escritos em inglês e espanhol, em que predominam discussões de textos de língua inglesa e suas traduções para o espanhol. A explicação para o termo “Trasvases”, título da obra, parte do próprio autor em uma entrevista em dezembro de 2014¹:

El término de ‘trasvases’, dicho sea como justificación del título, habla del vertido continuo de agua de un lugar o recipiente a otro, metáfora ya común en nuestras lenguas accidentales, en las que la acción de ‘verter’ un fluido acapara el dominio fuente del concepto de traducción.

A obra abarca visões sobre o conceito de tradução em épocas distintas e de autores tão diversos como os espanhóis Ortega y Gasset e Unamuno, até o jovem escritor e tradutor colombiano Juan G. Vásquez. Também inclui em seus ensaios teóricos como Laurence Venuti e Lefevere, discute a figura de Shelley como tradutor, esmiúça o papel do penúltimo tradutor de Dom Quixote para o inglês e faz reflexões sobre o mercado editorial dentro do ponto de vista da tradução, entre tantos assuntos, teóricos e conceitos abordados.

Destacamos nesta resenha alguns capítulos da obra, dentre os 27 existentes, iniciando nossa exposição pelo capítulo 2: *Traducir literatura: ¿jardín inaccesible o nido de cuco?*, no qual o conceito de traduzibilidade é discutido. Folgado recupera a discussão de tradução de poesia e a reivindicação de autoridade do tradutor renegada durante muito tempo. O autor comenta a maneira pejorativa como o tradutor foi tratado durante séculos, como ser “imperfeito” e diante do texto poético escrito pelo poeta “inspirado por deuses”

caberia ao tradutor o papel de copista e nada mais. Opina que os conceitos de “original” e “cópia” estão arraigados no pensamento Ocidental e cita:

“Ateniéndonos a tales premisas, parece que el traductor literario deba hacer frente a una suerte de complejo de inferioridad siempre que intente verter a su lengua un poema extranjero, sintiéndose seguramente como un intruso, como un cuco usurpador de un nido ajeno (p. 34)

Folgado faz uma análise sobre a mudança nos últimos trinta anos do papel do tradutor e da tradução, que vem ganhando terreno dentro do contexto de internacionalização e globalização. Comenta ainda, muitos conceitos e posicionamentos de teóricos como Venuti, em *Translator's Invisibility* e a dicotomia “domesticar e estrangeirizar”, também inclui em seu texto Lefevere, em um subcapítulo que trata a questão do sistema literário como um todo. Finaliza o ensaio com uma metáfora que aborda os “equivalentes” em culturas diferentes no contexto da tradução e situa as semelhanças e diferenças culturais em polos extremos de uma mesma “vara de medir” que nos permite medir com mais ou menos acerto o nível de traduzibilidade (p.46)

No capítulo 8, *Alonzo the Brave: A Gothic Literary Ballad*, Folgado discute a balada literária e seu desenvolvimento como uma herdeira legítima de um “modelo anterior”, que seria um conjunto popular de rimas de estrofes com quatro linhas. Seu intuito, ao retirá-la do pedestal do academicismo, parece ser o de dar forma à alegação de que, por mais elaborada que pareça, a balada literária é também a “mais antiga, talvez mais fácil e muito provavelmente a mais duradoura dentre todas as formas poéticas” (p. 153). Dividindo a balada tradicional em quatro categorias (histórica, romântica, gótica e heroica), Folgado destaca a importância da ação e diálogo em todas elas – independente da variação.; no caso da balada góti-

ca, quem a populariza é justamente Matthew Gregory Lewis, que acabaria por influenciar autores como Scott, Byron e Shelley. No que concerne à tradução das baladas de Lewis, Folgado aponta que os sentimentos de frustração e fracasso parecem ser, de certa forma, até mesmo naturais – isto tendo em vista o grau de dificuldade de tal empreitada (devido ao caráter altamente rítmico do texto fonte). Por isso, em sua argumentação, ele advoga a favor de uma visão da obra traduzida como “reescritura ou texto refratário” (p. 166), já que as diferenças entre contexto de partida e contexto de chegada implicam na produção de uma obra extremamente manipulada pelas mãos do tradutor.

No capítulo 14: *Treasure Island in five Romance Languages: Interpretive Resemblance*, Folgado parte da análise literária do romance de Stevenson para discutir o processo de sua tradução para cinco distintas línguas românticas. Tal processo, entretanto, se direciona mais às faculdades das operações mentais envolvidas nas decisões tradutórias do que à questões relativas ao sistema linguístico e suas funções correspondentes – o importante, neste estudo, é a articulação de inferências por parte do tradutor. Utilizando parte da teoria de Christiane Nord, Folgado alega que estas operações mentais são, muitas vezes, nomeáveis – como, por exemplo, “substituição, transcrição e omissão” (p. 306) – revelando que, até mesmo quando o faz inconscientemente, as escolhas do tradutor são (em geral) condizentes com seus preceitos intelectivos. Um exemplo claro disso, na visão de Folgado, são os insultos evocados pelos piratas durante o desenvolver da narrativa que – na maior parte das vezes – são modulados ou substituídos por eufemismos no texto traduzido. Isto é, a ideia é a de que não seria necessariamente a censura ou as regras editoriais responsáveis por tal postura do tradutor; a responsabilidade cairia, sim, no fato dele estar inserido em certo período e contexto espacial que o torna propenso a seguir tal alinhamento ideológico quando da necessidade de tomar decisões tradutórias. Folgado conclui o capítulo reiterando sua visão de tradução, cujo conceito chave, a seu ver, seria a ideia de “semelhança

interpretativa” (p. 315) e não noções turvas como equivalência ou fidelidade – extremamente problemáticas caso se leve em conta o princípio da relevância.

No capítulo 16: *William Morris, Traductor Multilingue*, discute a forma através da qual William Morris, partindo do seu interesse pelo desenho e pela edição de livros (alimentado pelos manuscritos medievais raros encontrados na biblioteca de Oxford que ele frequentava quando estudante), se torna tradutor. Interessado na utopia literária, Morris começa a traduzir com a intenção de verter ao inglês obras que lhe apeteçam artisticamente. Em sua tradução poética, pode-se identificar facilmente como Morris atua com grande liberdade de interpretação aplicando muitas vezes uma linguagem arcaizante com o intuito de caracterizar o texto traduzido mais ao seu gosto. Folgado destaca o cuidado de Morris para promover a manutenção do ritmo poético – apesar de sua linguagem ser aparentemente despreocupada com o padrão original. Sua tradução é descrita como, no mínimo, perseverante – já que podem ser visualizadas, em seus textos, diversas escolhas felizes e outras não tanto (alguns ritmos são demasiado estranhos, algumas rimas demasiado forçadas e algumas palavras demasiado arcaicas). Apesar de seu esforço para dar ao seu texto o ritmo adequado, muitas vezes a falta de sonoridade – apesar da aliteração compensadora – são entraves para uma leitura mais prazerosa. Se há alguma coisa que as traduções de Morris deixam evidente é a sua capacidade de trabalho fora do comum. Apesar de serem marcados pelos arcaísmos, como já apontado, os versos que cria Morris são também caracterizados por um “aumento no material linguístico com amplificações e explicitações acessórias motivadas por uma pretendida intenção de esclarecimento” (p. 360) – muito provavelmente para equilibrar a pouca transparência de suas alterações sintáticas do texto original para o traduzido. Isto, conclui Folgado, resulta em versos redondamente adornados.

O capítulo 17 – The Complex Style of A Polish Sailor: J. Conrad

– é dedicado a uma análise do legado tradutório do escritor Joseph Conrad, cuja vida (repleta de mistérios) e produção artística são sempre tratadas por críticos e teóricos com curiosidade e admiração. Folgado admite ser inquestionável a existência de uma plethora de dados bibliográficos contraditórios na vida do escritor, que traz problemas significativos para todos aqueles que tentam traçar os caminhos percorridos por ele. Suas biografias dificilmente condizem umas com as outras em aspectos extremamente relevantes e, para complicar ainda mais a situação, as memórias escritas pelo próprio Conrad são incapazes de trazer informações mais elucidativas. Este capítulo se dedica, logo, a discutir esses fatos enigmáticos da vida e obra de Conrad, enfatizando os aspectos mais relevantes de sua produção e refletindo acerca daquelas que Folgado julga como as mais importantes traduções de seu legado. Tendo aprendido boa parte do seu vocabulário em língua inglesa através da leitura de romancistas do século dezanove, a riqueza da linguagem de Conrad acaba trazendo diversas dificuldades para seus tradutores; o seu livro mais famoso, *Coração das Trevas*, é um dos que manifesta mais claramente a importância das camadas de sentido envolvidas no universo linguístico escolhido pelo autor. Examinando essas escolhas linguísticas e o contexto dos romances de Conrad, chega-se ao que Folgado chama de “correlativo objetivo” (p. 384) da atmosfera turva e lúgubre que predomina em sua literatura. As suas descrições de tempo e espaço, por exemplo, destacam aquilo que é sombrio e nocivo – e qualquer um que se proponha a traduzir tais descrições precisa ter isso em mente. A conclusão na qual chega Folgado é a de que a obra de Conrad é um exemplo claro de que uma boa tradução tem muito pouco a ver com ideias de transparência e fluidez do texto traduzido – dando a impressão de ser escrito no idioma do contexto de chegada. Mesmo porque as variedades dialetais, os arcaísmos, o palavreado opaco, os efeitos verbais e as variações rítmicas de Conrad são, por si só – já no próprio texto original – entraves para a fluidez de texto (sendo estes entraves cruciais para o desenvolvimento da narrativa).

No capítulo 18 – Three Landmarks in the Long Voyage of Portuguese – é a língua portuguesa, com sua disseminação ao redor do mundo após o Renascimento e as diversas transformações por quais ela tem passado, que emerge como objeto de investigação. Como boa parte dos idiomas muito utilizados, o Português se alastra pelo planeta como uma ferramenta para comunicação, inicialmente, principalmente durante as viagens das grandes embarcações – e é justamente durante essas viagens que o idioma começa a passar pelas mais drásticas mudanças. Conquistadores, poetas, exploradores, emigrantes, exilados ou, simplesmente, aventureiros começam a levar o idioma para regiões as mais diversas. Em casa, Portugal sempre pareceu muito bem inscrito na tradição ocidental, de uma forma geral; além disso, o paralelo estabelecido entre aquilo que se passa com o país e ao mesmo tempo na vizinha Espanha é ainda mais forte – praticamente tudo o que se passa no primeiro é, direta ou indiretamente, ligado ao que se passa no segundo e vice-versa. É através da literatura que se pode visualizar como este “pequeno grande país” (p. 401) contribuiu de forma significativa para a cultura ocidental, influenciando diretamente outras nações circundantes. A poesia heroica e poética de Camões, a notável poesia cosmopolita de Pessoa e a voz articulada em tom de fado ora otimista ora melancólico de Alegre e De Mello, dois poetas contemporâneos, são exemplos claros dessa riqueza que abunda em Portugal.

O capítulo 19, *Unamuno and Ortega's Assumptions of Language and Translation*, implica no que Folgado chama de uma “visão logocêntrica da realidade” (p. 404), através da qual as palavras governam o mundo dos referentes – como a chave para alcançar a inteligibilidade de tal realidade; tal postura, no caso, é promovida principalmente pelos pensadores idealistas alemães, inscritos na tradição que enxerga a linguagem de forma platônica. Apoiada em tal tradição, uma das ideias mais recorrentes nos textos filosóficos de Unamuno é a metáfora que descreve a linguagem como sangue do espírito – ou seja, a linguagem seria o alimento para a realidade ideal de formas mentais. A linguagem que sobrevive, sendo

assim, o faria de maneira um tanto quanto darwinista – na visão de Unamuno – já que a ideia da sobrevivência do mais adaptado também se aplicaria no contexto da estrutura linguística de certo idioma. Ortega, por sua vez, discute a hipótese de que os objetivos humanos nunca são alcançados nem seus propósitos devidamente cumpridos – estabelecendo um paralelo entre tal fator e o processo de tradução, já dentro do contexto linguístico. Extrapolando sua metáfora para refletir acerca do papel da tradução entre duas línguas distintas, Ortega conclui que se trata ela de uma ponte sem fim – uma via que está fadada a se ver sempre inacabada. Folgado finaliza o capítulo demonstrando como as reflexões articuladas por Ortega dialogam com aquelas promovidas por Schleiermacher; o que parece bastante natural já que o primeiro não apenas admirava como também procurava seguir e reforçar aquilo que alegava o idealismo filosófico alemão.

O capítulo 25 – *Juan Gabriel Vásquez, Novelista y Traductor* – promove uma reflexão acerca da carreira literária e tradutória de Vásquez. O autor nasce em Bogotá em 1973, tendo posteriormente se mudado para Paris (onde vive por três anos, de 1996 a 1998) e passado o ano seguinte na Bélgica (1999); mas é em Barcelona que ele finalmente estaciona e onde passa a residir e a escrever os seus romances. A crítica nacional e internacional recebe muito bem seus dois primeiros romances – *Los Informantes* (2004) e *Historia Secreta de Costaguana* (2007) – mas, além deles, Vásquez também vinha produzindo uma série de ensaios – compilados em *El Arte de la Distorsión* (2009), um livro de contos – *Los Amantes de Todos los Santos* (2001), e a biografia de Joseph Conrad – *El Hombre de Ninguna Parte* (2004); mas é o seu último romance – *El Ruído de las Cosas al Caer* (2011) – que acaba por ganhar o Prêmio Alfaguara. Como tradutor Vásquez verteu obras de diversos autores de ficção para o espanhol – dentre eles vale a pena destacar John Hersey, John Dos Passos, Victor Hugo e E. M. Foster. De acordo com Folgado, a experiência e caminhos percorridos nas traduções do romancista deixam evidente que o tradutor se vê como um “mé-

dium possuído por algo exterior a ele mesmo” (p. 352), mas que filtra o que sua sensibilidade interpreta. Tal filtro se materializaria como um canal para compartilhar com os outros o processo da reescritura: para transformar “eu” em “nós”. Para Vásquez, portanto, a tradução emerge como ferramenta para que ele pudesse compreender a outros autores que compartilham suas vozes – como uma oportunidade para buscar a sua própria. Borges afirmava que a tradução estaria destinada a ilustrar a discussão estética que permeia o mundo misterioso das letras; no caso de Vásquez parece claro que obra original e obra traduzida se fundem como dois exercícios verbais complementários. A tradução seria este espelho irregular no qual contemplamos a distorção daquilo que havíamos aprendido a conhecer.

O capítulo 26 – Venuti y el *Remainder* Cultural Siciliano – Folgado propõe uma reflexão acerca das estratégias de tradução descritas por Lawrence Venuti no livro *The Translator’s Invisibility* (1995). Venuti critica a tradição na qual são privilegiadas traduções que simplificam a linguagem do texto original ao domesticá-la, ao invés de promover a manutenção de sua complexidade através da estrangeirização. Avaliando os dois conceitos, Venuti discute quão paradoxal é o fato de que as traduções que recebem a maior quantidade de elogios e acabam tendo uma reputação mais impecável são justamente aquelas que mais domesticam e que, por isso, são mais facilmente recebidas pelas culturas de chegada. Privilegiando, por sua vez, a “estranheza estrangeira” (p. 541), Venuti é muitas vezes alvo de críticas devido ao seu tom muitas vezes demasiadamente assertivo acerca da estrangeirização como ideal para qualquer projeto de tradução; a domesticação, ao seu ver, deveria sempre ser evitada e a estrangeirização promovida, independente do contexto e/ou objetivos do tradutor. Entretanto, e como previne Ortega, este não parece ser um critério objetivo – na verdade não parece ser um critério; tal critério, realmente válido, seria relativo e dependeria de diversos outros fatores. Para uma análise mais profunda desta crítica e análise, Folgado analisa um texto do autor siciliano A.

Camilleri traduzido para o inglês pelo próprio Venuti. É aí que emerge o relevante conceito de *Remainder*, determinado pela variação que está às margens do poder – uma expressão que subjaz aquilo que é tido como standard e constitui um desafio para as normas admissíveis; o dialeto siciliano, neste caso, aparece claramente como um conceito desafiante que subverte as normas do toscano e do italiano padrão (sabe-se, por exemplo, que os dialetos do sul – principalmente o siciliano – tendem a sonorizar as consoantes oclusivas). Entretanto, a conclusão na qual chega Folgado é a de que a tradução que Venuti faz dessa rica linguagem empregada no texto de A. Camilleri carece de cor local, utilizando frases coloquiais em inglês despreocupadas com a condição marginal do dialeto frente ao italiano padrão e que dificilmente levam o leitor de sua tradução até uma atmosfera linguística um pouco mais ambiciosa.

No capítulo 27 – The Strategy of Telling in Second Person – Folgado enfoca na questão complexa da variação de pronomes de referência dêitica na narrativa e, mais especificamente, no uso da segunda pessoa em textos narrativos; sendo que a discussão é bastante rica devido ao amplo leque de interpretações possíveis em casos de referência dêitica. Parece ser inquestionável, hoje, que obras ficcionais precisam de análises mais profundas e cuidadosas não só em aspectos puramente literários, mas – muitas vezes principalmente – no que concerne aos seus aspectos linguísticos, para que a riqueza e complexidade do discurso narrativo possa de fato ser capturada. As categorias gramaticais são às vezes tão flexíveis, abertas e sensíveis ao contexto que precisamos fazer esforços cognitivos especiais para direcionar a devida atenção a todas elas – se buscamos chegar a conclusões relevantes acerca delas; o propósito de tal processo cognitivo, é importante ressaltar, seria o de atribuir um sentido particular para tais categorias fixas. Neste caso específico, o dêitico “você” precisa ser ancorado a alguma referência contextual, ainda que variável e transitória. Logo, este “você” depende crucialmente do que Folgado chama de “uma interpretação fluante de alguma suposição contextual particular” (p. 568) na

qual se chega através de um processo inferencial. O que isso parece nos mostrar, em última estância, é que a gramaticalização de algumas categorias não marcadas disponibiliza para o leitor um escopo considerável para que este faça inferências pragmáticas durante sua leitura do texto narrativo. No caso do “você” o leitor nunca está completamente seguro acerca do solo por onde ele caminha; mas, muito provavelmente, a ambiguidade é um efeito não apenas inerente ao texto literário, mas, principalmente, desejado e nutrido pelo autor de tal texto.

Finalizamos nossos comentários sobre a obra destacando alguns pontos, como a retomada, por um viés mais contemporâneo, de ideias inerentes aos Estudos da Tradução, como intraduzibilidade, originalidade e invisibilidade da obra traduzida dentro dos escopos específicos de cada capítulo (sendo que Folgado enxerga a tradução mais como um reflexo distorcido do que como uma replicação perfeita do texto de partida). Também ressaltamos a reflexão de Folgado sobre a indissociabilidade entre as escolhas profissionais e particulares do tradutor, que opera através de processos mentais que promovem uma ponte entre o instintivo e o aprendido e apreendido.

É super válida a proposta da noção de semelhança interpretativa ao invés dos conceitos ultrapassados e que contribuem muito pouco para o processo tradutório, como os conceitos de fidelidade e equivalência – que promovem muito mais uma ideia de hierarquia entre original e tradução do que uma possibilidade real de reescritura.

Também salientamos o questionamento feito da visão problemática de que fluidez e transparência estão diretamente associados a uma literatura ou tradução eficazes e visão darwinista da sobrevivência da linguagem, ou seja, de que esta precisaria se adaptar e fortalecer para perdurar – processo dentro do qual a tradução parece desenvolver papel fundamental.

Nota

1. Para acessar a entrevista completa: <http://lasdosvidasdelaspalabras.com/2014/12/10/trasvases-ensayos-de-traduccion-y-literatura-comparada-por-vicente-lopez-folgado/>

Recebido em: 11/12/2014

Aceito em: 18/02/2015